

ESTUDO ETNOGRÁFICO NO FUTSAL FEMININO: DISCUTINDO ESPORTE E HOMOSSEXUALIDADE

Raquel da Silveira
Marco Paulo Stigger

RESUMO

Neste estudo, discutimos o associativismo esportivo de mulheres em esportes que são ditos masculinos. Fizemos uma etnográfica em um time de futsal feminino de Porto Alegre. Realizamos 51 idas a campo e 17 entrevistas. A equipe investigada era formada por 17 jogadoras, um técnico e sete pessoas que a acompanham sistematicamente. Sendo o associativismo um conceito que remete à socição de pessoas para determinado fim, questionamos: como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino? Constatamos dois aspectos sendo os principais para que o associativismo estudado fosse mantido: o esporte e homossexualidade. Palavras chaves: Lazer. Gênero. Mulheres. Esporte. Homossexualidade.

ABSTRACT

In this study we discuss the sportive associativism of women in sports so-called masculine. We made an ethnographic research on a female indoor soccer team in Porto Alegre. We accomplished 51 field trips and 17 interviews. The team was formed by 17 players, a coach, and 7 people that systematically followed it. Being associativism a concept that refers to the association of people for a determined end, we ask: How and why do women associate to practice a sport socially considered masculine? We verified that two aspects were prime motive for for the associativism to be maintained: Sport and homosexuality.

Key words: Leisure. Gender. Women. Sport. Homosexuality.

RESUMEN

En este estudio, discutimos el asociativismo deportivo de mujeres en deportes que son dichos masculinos. Hicimos una etnografía en un equipo de futsal femenino de Porto Alegre. Realizamos 51 idas a campo con 17 entrevistas. El equipo investigado era formado por 17 jugadoras, un técnico y siete personas que lo acompañan sistematicamente. Siendo el asociativismo un concepto que remite a la sociación de personas para un determinado fin, preguntamos: como y por que mujeres se asocian para practicar un deporte socialmente considerado masculino? Constatamos dos aspectos siendo los principales para que el asociativismo estudiado fuera mantenido: el deporte y homosexualidad.

Palabras claves: Recreación. Género. Mujeres. Deporte. Homosexualidad.

Tendo em vista alguns elementos históricos do esporte, de fatos inerentes ao cotidiano das cidades e de estudos acadêmicos, tornam-se pertinentes as afirmações de Pfister (2003) de que

nos séculos XVIII e XIX, o esporte e a ginástica foram inventados pelo homem e para o homem, eles desenvolveram as atividades, práticas e performances esportivas de acordo com suas próprias necessidades e ideais. (...) Hoje, o esporte ainda é um mundo masculino, mas as mulheres estão fazendo sentir sua presença (PFISTER, 2003, p. 11).

Se as mulheres estão presentes no universo dos esportes, pode-se perceber a relevância de estudar o associativismo esportivo de mulheres vinculado a um esporte socialmente considerado *masculino*.

No universo do esporte, os homens estão mais presentes do que as mulheres, em particular naqueles socialmente considerados masculinos. Porém, essa predominância masculina no mundo esportivo não significa que as mulheres não façam parte desse universo. Elas praticam esportes.

São poucos os estudos sobre a presença das mulheres no futebol e seus derivados¹, se comparados à produção acadêmica destinada à discussão do futebol masculino. Contudo há estudos que refletem a presença feminina, em especial em relação aos esportes ditos e/ou considerados masculinos.

Após analisar alguns desses estudos, percebemos duas maneiras de abordar o tema: a participação das mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos, quando os protagonistas são os homens; e a participação das mulheres nesse mesmo tipo de esporte, enquanto praticantes.

No primeiro item, constatamos, de acordo com os textos consultados, que as mulheres ocupam espaço secundário na prática esportiva, pois, o campo empírico dos estudos está relacionado àquele em que elas ficam enquanto os homens estão praticando esportes. São torcedoras, mães, irmãs, articulistas, e até mesmo prostitutas no contexto das práticas esportivas realizadas por eles. Alguns exemplos desses estudos são “A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby” (SAOUTER, 2003); “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” (FRANZINI, 2005); “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol” (COSTA, 2006/2007); “Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo” (SILVEIRA, 2007).

No segundo item da nossa análise, constatamos que a atenção se direciona às mulheres quando elas são as protagonistas dos esportes. Aqui, o campo empírico relaciona-se aos esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres. Citamos alguns estudos que versam sobre o tema: “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (GOELLNER, 2005); “Ser mulher no mundo dos homens: socialização esportiva e a construção do gênero” (MENNESSON, 2005); “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo” (MOURÃO e MOREL, 2005); “Os processos de construção e de modificação das disposições sexuais das mulheres que investem em esportes ditos ‘masculinos’” (MENNESSON, 2004); “O futebol feminino de várzea: uma análise cultural” (DORNELLES, 2004); “Homossociabilidade e homossexualidade: o caso de mulheres jogadoras de futebol” (MENNESSON, CIÉMENT, 2003).

Existem, portanto, diversos estudos sobre essa temática, mas a forma como acontecem esses esportes, a compreensão do associativismo dessas praticantes e os

¹ Denominamos de derivações do futebol aqueles esportes que se aproximam do futebol de campo: futsal, futebol sete e futebol de areia.

significados atribuídos por elas à prática são pouco explorados. E é devido a pouca quantidade de estudos sobre esse recorte da temática que desenvolvemos esta pesquisa. Para exemplificar a localização deste estudo no campo dos esportes, apresentamos a seguinte figura:

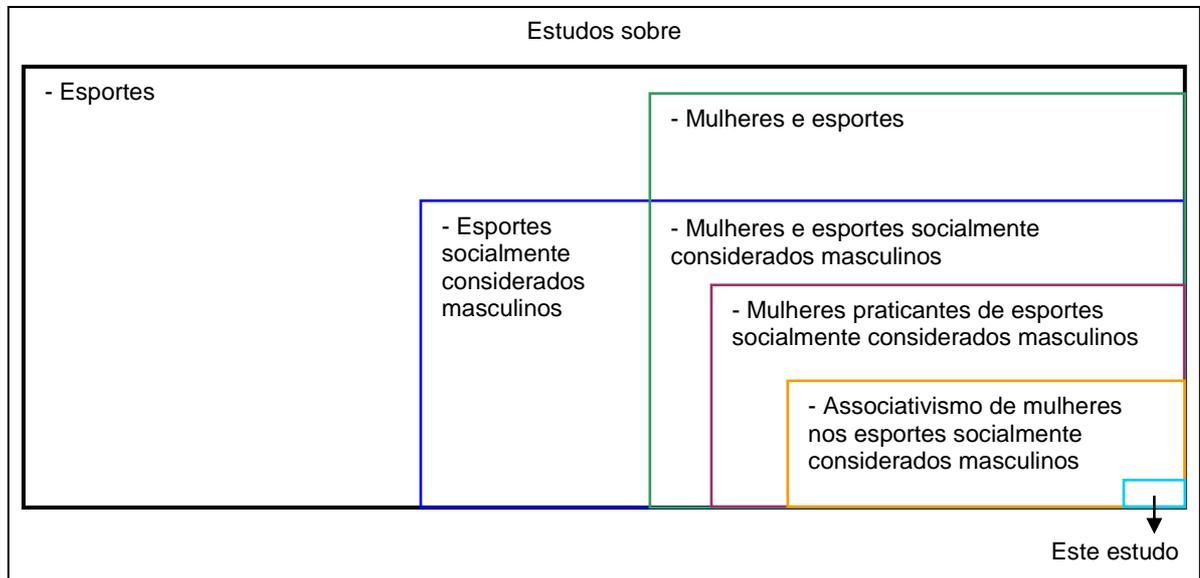


Figura 1: Localização deste estudo no campo dos esportes
 Fonte: elaboração própria

A partir da Figura 1, procuramos mostrar que este estudo se insere na intersecção de dois grandes temas: “mulheres e esportes” e “esportes socialmente considerados masculinos”. Nesse ponto, a investigação apresenta uma análise específica da temática e chega aos estudos *sobre o associativismo entre mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos*.

Assim, a pergunta que norteia esta investigação é: como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino?

Para responder essa questão realizamos algumas reflexões metodológicas, apresentando a maneira que se desenvolveu esta pesquisa.

ETNOGRAFIA: A METODOLOGIA ESCOLHIDA

A investigação foi realizada com um time amador de futsal feminino da cidade de Porto Alegre. Realizamos 51 idas a campo, nos quais desenvolvemos um diário de campo com o maior número de informações que pudemos captar. Outra forma de coleta de informações foi a utilização da internet. Muitas mensagens via net circularam entre as jogadoras, às quais tivemos acesso. Além do programa de relacionamento ORKUT, no qual o time criou uma comunidade para as pessoas que integram a equipe e para aquelas que, de alguma forma, estão envolvidas com o time.

Após dois meses terminada as idas a campo realizamos 17 entrevistas² com 12 pessoas. Os roteiros foram elaborados a partir de informações que obtivemos durante

² Antes da realização das entrevistas foi assinado um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” em que o(a) entrevistado(a) autoriza a utilização das entrevistas para publicação, sendo os nomes fictícios.

as observações. Foram elaborados três roteiros de entrevistas. Um sobre esporte, o segundo sobre homossexualidade e o terceiro sobre a amizade³.

Contudo, Clifford Geertz já dizia na sua clássica obra “A interpretação das culturas” que a prática da etnografia não é apenas estabelecer relações, ir a campo, selecionar informantes, realizar entrevistas, manter um diário ou outras tarefas técnicas que envolvem o fazer etnográfico, para o autor “o que (...) define [o fazer etnográfico] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”” (GEERTZ, 1989, p. 15). Logo passamos agora a apresentar uma possível “descrição densa” do universo investigado

O TIME DE FUTSAL FEMININO INVESTIGADO

O time é composto por 17 praticantes amadoras, que têm entre 16 a 41 anos de idade. Algumas moram em Porto Alegre, outras em cidades próximas. A maioria delas trabalha e as profissões são bastante diversificadas e há aquelas que estudam. Em relação às condições financeiras, há heterogeneidade entre as integrantes da equipe. O time também possui um técnico que atua voluntariamente.

Na equipe acontecem treinos sistemáticos, jogos e atividades extraquadra que são geralmente atividades festivas.

A equipe foi inicialmente organizada por duas jogadoras. Elas foram as responsáveis pela reformulação do time, após um ano do término de um antigo time de que faziam parte. Juntamente com a ajuda de Pedro (técnico do time), Julia e Laura organizam o time. Atualmente a praticante Ana é a capitã da equipe. Também se consideram pertencentes ao time parceiros, parceiras e familiares de algumas jogadoras.

Quanto às relações afetivas há diversidades entre as integrantes da equipe. Algumas são casadas e possuem filhos, outras são solteiras, outras estão namorando. Algumas namoram homens, enquanto outras namoram mulheres. Destacamos que as relações afetivas na equipe são evidenciadas devido namorados, namoradas, maridos e companheiras estarem freqüentemente presentes nos encontros do time.

Identificamos no decorrer da pesquisa que além das relações afetivas, as relações de amizade entre parte dos integrantes da equipe também se destacava no contexto do time.

Então, chamamos a atenção para 2 pontos na convivência com a equipe:

1) o gostar de jogar futsal, que mesmo parecendo óbvio é um dos elementos que faz as jogadoras e as pessoas que acompanham a equipe se encontrarem todos os finais de semana; e

2) a quantidade de mulheres homossexuais que, inclusive com suas parceiras, fazem parte do grupo.

Assim, esses foram os dois pontos principais que denominamos de eixos de sustentação do associativismo das mulheres estudadas. Passamos agora a falar de cada um desses pontos.

“EU GOSTO É DE JOGAR!”: DISCUSSÕES NO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

No ano de 2007, o Brasil obteve duas conquistas importantes com a seleção brasileira de futebol feminino: o título do Pan Americano, em 26 de julho, contra a seleção dos EUA e o Vice-campeonato Mundial, em 30 de setembro, sendo derrotada

³ A discussão sobre a temática da amizade realizada na presente pesquisa não será abordada neste artigo por questões de foco ao tema do evento, e em especial do grupo temático escolhido.

pela seleção da Alemanha. Com essas conquistas, o universo do futebol feminino ganhou destaque no cotidiano dos brasileiros, nos meios midiáticos e também na CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Muitos dos destaques dados à seleção brasileira feminina se referiam ao que acontece no futebol masculino. Evidencia-se, nos comentários, nas reportagens e nas entrevistas a quase impossibilidade de falar sobre futebol feminino no Brasil sem fazer referência ao masculino. Um exemplo desse fato é a reportagem “Ela jogaria no seu time?” do jornal Zero Hora⁴. Nela, é possível identificar que Marta, a jogadora brasileira de maior destaque na seleção, ao ser elogiada pela sua atuação em um jogo contra os EUA e, principalmente, por um dos gols que fez, é comparada aos jogadores da seleção brasileira masculina. A reportagem inicia falando sobre ela e a sua socialização no futebol com meninos:

Jogar entre homens não seria novidade para ela. A genialidade de Marta, melhor jogadora de futebol do mundo, que começou batendo bola com meninos, atiza uma questão: homens e mulheres poderiam jogar juntos? Se a resposta fosse sim, ela teria uma extensa lista de candidatos dispostos a tabelar (MONTANDON, 2007, p. 71).

A reportagem também insere falas de jogadores brasileiros sobre a qualidade técnica da jogadora. É visível nas falas desses jogadores que eles a analisam através do padrão de um jogador.

Mas, além de Robinho, também jogadores da dupla Gre-Nal entendem que poderiam dividir espaço com uma mulher em campo.

– Jogaria com ela com certeza. Ela tem tudo que um grande craque precisa – disse Gil, do Inter.

No Olímpico, a empolgação tomou conta do atacante Jonas e, no Beira Rio, do volante Wellington Monteiro, que se renderam ao talento de Marta.

– Joga demais, não é? Viu o que ela aprontou? Muito homem não tem a mesma técnica – espantou-se Jonas.

– Jogaria tranquilamente com ela. Eu só marcando e ela só jogando! – confessou Wellington (MONTANDON, 2007, p. 71).

Essa comparação com o futebol masculino reforça a tese que esse esporte, no Brasil, é reservado aos homens. As frases “ela tem tudo que um grande craque precisa” e “muito homem não tem a mesma técnica” faz sentido porque, aqui, se espera que homens, e não mulheres, possuam boa técnica de futebol. Isso também acontece no grupo de jogadoras investigado.

No grupo o esporte é o vínculo mais forte existente no time e aquele vivenciado pela maioria dos integrantes. Várias das praticantes já jogavam futebol desde a infância. Elas jogavam na rua e com meninos. Apesar de elas considerarem o “saber jogar” algo nato, um dom, elas reconhecem no “pai” uma pessoa importante na socialização dos esportes, em especial, do futebol.

Atualmente, nenhuma das praticantes investigadas joga sistematicamente com homens, apenas com mulheres. Contudo, o futebol praticado por *elas* continua presente de forma significativa nas falas, comparações e gestos delas.

A informante Graciele expressa essa comparação com o futebol masculino a partir da opinião de seu pai sobre o modo dela jogar futebol, ela diz: “... eu só concordo

⁴ MONTANDON, Priscila. “Ela jogaria no seu time?” In: Zero Hora, 28 de setembro de 2007, p. 71.

com ele [pai de Graciele]... eu tinha que ter nascido homem, como se diz... eu tenho que concordar com ele, né? Porque eu teria tido mais oportunidade” (GRACIELE, 17/9/2007). Essa fala mostra que Graciele, da mesma forma que seu pai, visualiza o futebol praticado por ela a partir daquele jogado pelos homens. *Se ela tinha que ter nascido homem* é porque o jogar dela é compatível com aquele esperado dos homens. Está implícito aí que Graciele possui grande “capital esportivo” (MARIVOET, 1998, p. 31) que merece ser comparado com o de um jogador.

Em relação às questões relacionadas as feminilidades é possível dizer que ao mesmo tempo em que algumas características das jogadoras se afastam da feminilidade hegemônica, por exemplo, as marcas nos corpos após os jogos, há elementos que se aproximam dessa feminilidade: os cuidados com as unhas de Valéria e Denise e a tatuagem e chuteiras rosa de Ana.

Em relação ao esporte entendemos que esse deve ser compreendido através dos diferentes modos de apropriação que as pessoas fazem dele. Logo analisamos o esporte praticado pelas pesquisadas numa perspectiva heterogênia.

Os treinos acontecem uma vez por semana com duração de duas horas. Num primeiro momento, o técnico desenvolve atividades de fundamentos técnico-táticos com as praticantes. No segundo momento, acontece o jogo, propriamente dito. Esse jogo pode ser entre as integrantes do time, ou um amistoso. Observando os treinos, percebemos que tanto na primeira quanto na segunda hora, o rendimento esportivo era importante. Pedro se preocupava com a técnica dos movimentos e com a organização das jogadoras para os jogos oficiais. Ao mesmo tempo, preocupava-se em manter o ambiente descontraído. Por sua vez as jogadoras querem aperfeiçoar seus fundamentos de futsal e demonstrar suas habilidades ao técnico, ao mesmo tempo em que vivenciam o treino com muitas brincadeiras, gozações e jocosidades. Ana considera que “os treinos são bons, o Pedro sempre tem brincadeiras, tem cobranças, mas tem brincadeiras, descontraí ao mesmo tempo. É gostoso de ir” (ANA, 18/9/2007).

Os jogos *oficiais* são àqueles realizados em Torneios e em Campeonatos. Os Torneios são competições que acontecem em um ou dois dias, no máximo e são realizados nos três turnos em um único ginásio. Nos Campeonatos, que duram cerca de quatro meses, os jogos são realizados em dias e horários diversos.

Durante as partidas, é visível o esforço das jogadoras para terem um bom desempenho. Nesses momentos, há muita tensão presente. As vitórias são muito comemoradas, mas as derrotas acabam, muitas vezes, ocasionando desentendimentos entre algumas jogadoras, técnico e torcedores do time.

Se, na maior parte do tempo, a seriedade é fator constante nos jogos *oficiais*, isso não impede que, por alguns momentos, a descontração fique mais evidente. Se o rendimento esportivo é um fator que exclui algumas praticantes do Time, o que faz lembrar a lógica do rendimento esportivo, não é só ele que determina o funcionamento do Time. É necessário compartilhar códigos peculiares da equipe; além de participar de outros momentos fora dos treinos e das competições. É bom, ter amigos dentro do Time e se envolver com as brincadeiras que lá acontecem.

Dessa forma os significados atribuídos ao esporte pelas praticantes investigadas podem ser metaforicamente representados por uma gangorra, em que os extremos estão constituídos por características que muitas vezes são pensadas como contraditórias no campo do esporte, mas que, na situação do time pesquisado, são vivenciadas complementarmente:

Esporte de lazer

Ethos amador (DUNNING, 1992)
 Voltado pra si (ELIAS E DUNNING, 1992)
 Utilidade lúdica (LORET, 1996)
 Valor de uso (LORET, 1996)
 Divertimento

Esporte de rendimento

Ethos Profissional (DUNNING, 1992)
 Dirigido para os outros (ELIAS E DUNNING, 1992)
 Utilidade pública (LORET, 1996)
 Valor de troca (LORET, 1996)
 Seriedade

Figura 2: Representação da gangorra em equilíbrio
 Fonte: elaboração própria

Os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes, portanto, não podem ser explicados pela definição de “esporte de lazer” ou “esporte de rendimento”, binarismo presente no campo de estudo da Educação Física. Para compreender de forma mais fidedigna os significados do futsal para o grupo pesquisado, é necessário operar com os conceitos que fazem parte tanto do esporte de lazer quanto do de rendimento.

FUTSAL FEMININO E SUAS RELAÇÕES COM O UNIVERSO DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

O tema sexualidade está presente em estudos que abordam os esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres (MENNESSON 2004, 2005; MENNESSON E CLÉMENT 2003; DORNELLES 2004), talvez devido à pluralidade de maneiras de viver a sexualidade de suas praticantes. É um assunto que chama a atenção pela heterogeneidade e pela quantidade de mulheres homossexuais presentes nas equipes. No grupo em que realizei observações, não foi diferente. Há mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais, contudo, a presença expressiva dessas homossexuais me faz considerar que o universo do futsal investigado possui algumas relações com o universo homossexual feminino. Assim, dedico este capítulo para analisar de que maneira as questões da homossexualidade perpassam o universo do futsal feminino.

Conforme Bozon (2004), “a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana” (p. 13). Essa afirmação, apesar de ser consenso entre estudiosos da área social, não é o discurso que sobressai entre os estudos da sexualidade. Bozon chega a considerar que “a sociologia da sexualidade não existe” (2004, p. 13), pois, para essa temática, são os estudos com argumentos voltados para o campo biológico que estão em destaque. Contudo, minha análise centra-se especificamente nos aspectos sociais presentes na construção da sexualidade, pois acredito que a prática do futsal e a expressiva quantidade de praticantes homossexuais não se constituem em relações do tipo “causa e efeito”, mas, sim, em relações socialmente estabelecidas, com complexidades inerentes aos fatos sociais. Dessa maneira, minhas preocupações estão voltadas em analisar de que forma as questões da sexualidade perpassam o universo do futsal feminino, para então, compreender o porquê da presença expressiva de mulheres homossexuais nele.

Para iniciar, transcrevo trecho do diário de campo do dia 02 de novembro de 2006:

Hoje foi o primeiro Torneio que participei junto ao Time no ginásio do Astti. Lá estavam mais de 20 times de futsal feminino competindo. ... Denise, num determinado momento, questiona-me: “Raquel como você se sente no meio de tantas sapsas?” Quando ouvi essa pergunta, a primeira coisa que me passou na cabeça foi que ela estava exagerando, pois, se no ginásio havia mais de 200 mulheres, eu imaginava que no máximo 50 delas eram homossexuais. No entanto, quando respondi isso, Denise começou a me mostrar que as jogadoras participantes

do Torneio eram suas conhecidas e ela sabia que a maioria eram “sapas”, conforme a expressão utilizada pela Denise (Diário de campo, nº 14, 02/11/2006).

No trecho acima, é pertinente observar dois aspectos: a presença significativa de mulheres homossexuais no universo do futsal e o suposto conhecimento prévio de Denise sobre a maioria das praticantes e de suas respectivas opções sexuais.

Considerarei importantes esses dois aspectos. Identifiquei o primeiro de modo lento, no decorrer da pesquisa, pois, ao me aproximar das integrantes da equipe investigada, passei a participar das conversas em que o tema da homossexualidade era central. Nessas conversas, elas discorriam sobre o expressivo número de praticantes de futsal que tinham como opção a homossexualidade. Já, em relação ao segundo aspecto, não foi diferente. Ao participar dos torneios e campeonatos, percebi que algumas jogadoras do Time conheciam, ou já haviam tido algum tipo de relacionamento com jogadoras de outras equipes. Logo, o tema da homossexualidade feminina faz parte do associativismo esportivo que investiguei, e é por essa razão que lhe dedico um capítulo deste estudo.

Seguindo os ensinamentos de Touraine, em seus estudos sobre mulheres, “é necessário visitar o campo e, sobretudo, ao invés de falar em nome delas, escutá-las” (2004, p. 9). Minha proposta, portanto, é compreender os entrelaçamentos da sexualidade no futsal a partir do que vivenciei durante a pesquisa. Com essa perspectiva não pretendo generalizar os achados do meu trabalho, apenas identificar as variadas formas de viver a homossexualidade feminina, na tentativa de compreender porque mulheres com essa opção sexual também estão presentes no universo do esporte por mim investigado. A preocupação em não fazer generalizações esta relacionada à afirmação de Touraine:

Não existe nenhuma razão para pensar que os *gays* ou as lésbicas têm condutas específicas. A forma dos preconceitos contra os ou as homossexuais, *gays* e lésbicas, mais difícil de destruir é a criação de imagens globais, como se a homossexualidade definisse um modelo absoluto de personalidade e de ação, idéia que ninguém ousa aplicar aos heterossexuais (2007, p. 68).

Partindo desses pressupostos teóricos o segundo vínculo que designamos importante no associativismo estudado foi a homossexualidade. No grupo em que realizamos observações há mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais, contudo, a presença expressiva das homossexuais nos faz considerar que o universo do futsal investigado possui algumas relações com o universo homossexual feminino.

Desde que iniciamos a pesquisa com as praticantes de futsal, presenciamos, e também vivenciamos, algumas táticas de gerenciamento que elas faziam da visibilidade da homossexualidade no grupo.

Laura, por exemplo, deixa claro na entrevista que saber gerenciar a visibilidade da sua opção sexual é algo que aprendeu “na vivência” (LAURA, 30/10/2007). Essa informante demonstrou muita preocupação na maneira com que nós iríamos abordar a questão da homossexualidade no estudo. Laura enfatizou, no decorrer desse ano de convivência que tivemos com ela, que

eu não sou “homossexual Laura”, eu sou “Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual”, entende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da minha vida, mas não é o meu todo. E eu acho que quando tu coloca isso, parece que já cria uma barreira (LAURA, 30/10/2007).

Interpretamos essa preocupação de Laura sob dois aspectos. Inicialmente ela está dizendo que a sua vida não se centra na sua opção sexual, pois ao mesmo tempo em que ela é homossexual, ela trabalha, joga futsal, gosta de muitas outras atividades.

A segunda forma de interpretar a fala de Laura é a preocupação “em não dar bandeira” (MEINERZ, 2005), pois dar visibilidade ou não à opção homossexual faz com que essas mulheres sejam mais suscetíveis aos preconceitos que estão impregnados em determinados contextos da sociedade.

Contudo, no universo do futsal, esse cuidado com a visibilidade da homossexualidade parece ser menor, pois como considera Denise “a homossexualidade no futebol, assim, no futsal, realmente é o que tu mais vê, o que tu mais encontra” (DENISE, 21/10/2007).

Assim, o universo do futsal por nós investigado pode ser visto como um espaço em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade pode ser menos preocupante do que em outros lugares. Importante destacar que elas não são militantes da questão homossexual. Contudo, isso não significa que se sintam vítimas ou tenham vergonha da sua opção sexual, mas, significa que através do gerenciamento da visibilidade da homossexualidade elas estrategicamente escapam de manifestações preconceituosas.

Segundo a opinião da maioria das jogadoras homossexuais aqui investigadas, as pessoas “são levadas a caracterizar o homossexual pela fisionomia” (LAURA, 30/10/2007). Logo, ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto a partir de um rótulo que associa “jogar futebol - masculinização das mulheres - homossexualidade”,

Rotular o universo do futebol feminino e seus derivados prejudica esses esportes, pois acentua a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais; e dificulta a obtenção de patrocínios para as equipes femininas. Luana considera que “A gente não tem que rotular o futebol feminino. Tem que tirar esse rótulo dele” (LUANA, 25/9/2007).

O gênero torna-se, portanto, um instrumento de hierarquização no Time investigado. Ali há inúmeros tipos de feminilidade que são respeitados, mas nenhuma jogadora adota uma feminilidade muito próxima das características que foram social e historicamente construídas como masculinas.

Sendo uma das preocupações deste estudo discutir o tema “lazer”, percebemos que para mulheres homossexuais esse assunto possui algumas peculiaridades.

Pois se para vivenciar um momento de lazer é almejado que haja o compartilhar e a aceitação social (ELIAS e DUNNING, 1992), consideramos que para mulheres homossexuais não é em qualquer lugar que isso pode acontecer. Dessa forma, esperava-se que existissem locais específicos para o lazer de mulheres homossexuais.

Contudo, as pesquisadas afirmam que Porto Alegre é uma cidade com pouquíssimos e desqualificados espaços de lazer para o público lésbico.

Dessa forma compreendemos que os momentos proporcionados pelo Time investigado privilegiam o lazer de mulheres homossexuais. Contudo isso não seria reduzir ou rotular o futsal feminino estudado à homossexualidade, mas, perceber que, em uma sociedade que ainda possui setores preconceituosos quanto à opção sexual de um indivíduo (LOURO, 2004), a prática de um esporte - no caso deste estudo, o futsal -

pode se constituir em um momento privilegiado de lazer em que o preconceito e a discriminação fiquem quase inexistentes.

Passamos agora para o último vínculo social que sustenta o associativismo estudado: as relações de amizade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de fornecer elementos para compreender o associativismo de mulheres praticantes de esportes socialmente considerados masculinos, constatamos, que dois aspectos eram os principais para que o associativismo estudado fosse mantido, a saber: o esporte e a homossexualidade. O esporte, nesse time, apresentava características muitas vezes vistas como opostas, mas que nele se tornaram complementares: brincadeira e seriedade; lazer e trabalho, utilidade lúdica e utilidade pública, valor de uso e valor de troca. Em relação à categoria “homossexualidade”, identifiquei três aspectos importantes: o gerenciamento da visibilidade da opção homossexual por parte das pesquisadas dentro e fora do universo do futsal; um tipo de feminilidade sendo objeto de distinção entre a equipe investigada e outras equipes da grande Porto Alegre; o futsal como um espaço de lazer para as mulheres homossexuais em questão.

REFERENCIAIS

- COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. In: *Esporte e Sociedade*, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007. Site <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/> Acessado em 17/03/2006.
- DORNELLES, Priscila Gomes. *O futebol feminino de várzea: uma análise cultural*. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 299 – 325.
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 139 – 184.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, 2005, p. 315 – 328.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, 2005, p. 143-151.
- LORET, Alain. *Génération glisse: dans l'eau, l'air, la neige... la révolution du sport des « années fun »*. Paris: 1996, Autrement.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- MARIVOET, Salomé. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.
- MEINERZ, Nádya Elisa. Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Porto Alegre, 2005.

- MENNESSON, Christine. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. France : L'Harmattan, 2005.

- MENNESSON, Christine. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans um sport dit « masculin ». In : Societe de Sociologie du Sport de Langue Française. *Dispositions et pratiques sportives : débats actuels en sociologie du sport*. France: L'Hamattan, 2004, p. 37 – 53.

- MENNESSON, Christine and CLÉMENT, Jean-Paul. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: *International Review for the Sociology of Sport* 38/3(2003), p. 311–330.

- MOURÃO, Ludimila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* – vol. 26 – n°2 – Campinas, janeiro 2005, p. 73 – 86.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____ *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17 - 35.

- PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11 – 35, maio/agosto de 2003.

- SAOUTER, Anne. A mãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. In: *Revista Movimento* – vol. 9 – n° 2 – mai/ago 2003, p. 37 – 52.

- SILVEIRA, Raquel. Copa do mundo de 2006: o que *elas* escreveram na Folha de São Paulo. In: *Pensar a Prática* – vol. 10 – n° 1 – jan/jun 2007, Goiânia, p. 133 – 152.

Raquel da Silveira
Rua: Jaguarão, 458
Bairro: Cassino
Cidade: Rio Grande
Estado Rio Grande do Sul
Cep: 96210-060

Utilização de Data Show para a apresentação oral